

Okashava (guerra por recursos naturais e económicos) dos ovawambo

Leonardo Tuyenikumwe Pedro *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-4619-9732>

RESUMO

A guerra para a obtenção de recursos naturais ou económicos é um fenómeno que acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos. Pretende-se analisar a fundamentação teórica que sustenta *Okashava* dos *Ovawambo* (guerras por recursos naturais/económicos) como fenómeno social, político e militar. Entre os teóricos deste fenómeno, estão, por um lado, os que defendem a perspectiva sobre o qual as guerras por recursos naturais estratégicos, ao longo da história, estariam relacionadas com necessidade, escassez ou abundância de recursos e, por outro lado, os autores defensores da ideia de que tais guerras seriam motivadas pela ganância pelo controlo ou obtenção de recursos, devido ao seu valor nos comércios intra ou entre estados. Trata-se, essencialmente, de um estudo bibliográfico, onde se procurou compreender e construir o pressuposto teórico que sustenta *okashava*, no quadro de uma análise crítica suportada pelo método hipotético dedutivo.

PALAVRAS-CHAVE

Okashava; Geopolítica; Gado; Guerra Por Recursos Naturais; Ovawambo

Okashava (war for natural/economic resources) of the ovawambo

ABSTRACT

War for the acquisition of natural or economic resources is a phenomenon that has accompanied humanity since the most remote times. The aim of this article is to analyse the theoretical basis that supports the Ovawambo Okashava (wars for natural/economic resources) as a social, political and military phenomenon. Among the theorists of this phenomenon are, on the one hand, those who defend the perspective that wars for strategic natural resources, throughout history, would be related to the need, scarcity or abundance of resources and, on the other hand, those authors who defend the idea that such wars would be motivated by greed for control or acquisition of resources, due to their value in intra- or inter-state trade. This is essentially a bibliographical study, where we sought to understand and construct the theoretical assumption that supports Okashava, within the framework of a critical analysis supported by the hypothetical deductive method.

KEYWORDS

Okashava; Geopolitics; Cattle; War for natural resources; Ovawambo

* Doutor em História Moderna e Contemporânea, ramo de Defesa e Relações Internacionais pelo ISCTE-IUL, Lisboa. Professor Auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade do Namibe, Departamento de Ciência de Educação. Investigador integrado do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. Áreas de investigação: política, defesa e relações internacionais de Angola e da África Austral, incluindo questões sociais, políticas, defesa, onomástica (toponímia e antroponímia), lexicografia, lexicologia e culturais do extremo sudoeste de Angola. E-mail: leonaradotuyeni@gmail.com

Introdução

Ovawambo, Ambó ou Ovambo é uma palavra usada para designar um conjunto de doze povos, que teriam saído das regiões dos grandes lagos e instalaram-se, provavelmente no século XVII, na região entre os rios Cunene e o Cubango, onde ergueram a chamada “Nações Ovambo” (*Owambo*), que se desdobra num conjunto de doze estados-nações independentes, com estruturas e características antropológicas, económicas, sociais e políticas semelhantes, possuindo aspectos históricos culturais e linguísticos aparentados e interligados. Owambo é equivalente ao conjunto de treze Estados / países / terras dos (doze povos) Ovawambo: 1. Oukwanyama (dos Ovakwanyama), 2. Ombala yo Mungu (dos Ovambaja), 3. Nauluheke (dos Ovambaja), 4. Evale (dos Ovavale), 5. Okafima (dos Ovakafima), 6. Oukwaluudi (dos Ovakwaluudi), 7. Oukolonghadi (dos Ovakolonghadi), 8. Ombalantu (dos Ovambalantu), 9. Eunda (dos Ovaunda), 10. Ondobodola (dos Ovandobodola), 11. Oukwambi (Ovakwambi), 12. Ongadjela (dos Ovangadjera) e 13. Ondonga (dos Ovandonga).

Em *Owambo*, foram construídos sistemas políticos fortemente monárquico, em que o *Ohamba*¹, por vezes, chega a governar despoticamente, isto é, tornava-se “o senhor absoluto da terra”. Essencialmente, o *Ohamba* governava coadjuvado por um conselho de *omaleenga*² e membros da família real. A soberania de *Owambo* perdurou até 1917, quando foi conquistado o último estado, *Oukwanyama*³, liderado pelo *Ohamba* Mandume Ya Ndemufayo. Após terem consolidado a construção de seus estados, economicamente os Ovambo dedicavam-se essencialmente à agricultura, criação de gado, artesanato, recollecção, à caça e pesca. Posteriormente, foram-se transformando em guerreiros, facto este que permitiu o desenvolvimento de outra atividade predominante nos estados ovambo, a *okashava*⁴, isto é, guerra por recursos naturais ou guerras para obtenção de recursos económicos.

Okashava, palavra das línguas dos Owambo (*oshiwambo*⁵), pode ser traduzida como incursões militares periódicas realizadas pelos Owambo em outros estados (ovambo ou não ovambo) com o objetivo de obter recursos naturais, essencialmente gado, escravos, marfim ou outro meio de valor económico. Este facto teria permitido um aumento do número do gado, essencialmente caprino, asinino, cavalar e bovino.

¹ Equivalente a rei / soberano.

² Equivalente a um conjunto de entidades colegial constituído por governadores ministros, conselheiros e chefes militares que auxiliam o soberano (*Ohamba*) a governar.

³ Equivalente a reino / país / estado dos Ovakwanyama.

⁴ Palavra em *oshiwambo* (conjunto de doze línguas aparentadas faladas por dozes povos ambós) que, em português, equivale a "guerra por recursos naturais ou guerras para obtenção de recursos económicos."

⁵ Palavra usada para designar o conjunto de doze línguas dos povos Ovawambo.

É neste quadro que, como objetivo do texto, se procura analisar a argumentação teórica que sustenta a *okashava* como fenómeno social, político e militar. Por outro lado, procura-se apresentar os fundamentos teóricos sobre a guerra por recursos naturais, de modo geral, de modo a compreender os meandros teóricos que justifiquem a *okashava* dos ovawambo. Este trabalho tem como objeto de estudo o enquadramento teórico ou fundamentação teórica de *Okashava*, isto é, a guerra por recursos naturais / económica dos Ovawambo.

A importância deste trabalho pode contribuir para a construção da contextualização e fundamentação teórica deste fenómeno, apresentando um conjunto de argumentos teóricos que possam sustentar as ações de guerras por recursos económicos / naturais (*okashava*) desenvolvidas pelos Ovawambo. Deste modo, o texto fornece *insights* teóricos que podem justificar a *okashava* dos ovawambo, como um fenómeno global, isto é, podendo permitir a compressão da contextualização teórica da guerra por recursos naturais, de modo geral, e sobretudo a guerra empreendida pelos Ovawambo com o objectivo de obter riquezas.

A descrição / construção desta fundamentação teórica é relevante, na medida em que essa discussão permite identificar e constituir um marco teórico capaz de proporcionar subsídio a investigadores que, de algum modo, procuram novas informações ou conhecimentos sobre a história dos povos ovawambo e a história de Angola, como herdeira da história dos Ovawambo de Angola. De igual modo, a apresentação destes pressupostos teóricos constitui a base para a compreensão e desenvolvimento da próxima pesquisa, em que se procura descrever própria e especificamente a problemática da *okashava*.

Questão de investigação: que fundamentos teóricos sustentam a *okashava* dos Ovawambo, como guerra por recursos naturais / económica? Hipótese: entre os teóricos que investigam a problemática da guerra por recursos naturais ou recursos económicos, alguns defendem que as guerras por recursos naturais estratégicos, ao longo da história, estariam relacionadas com a necessidade/escassez ou a abundância de recursos naturais, ao passo que outros autores defendem que estas guerras estariam relacionadas ou motivadas pela ganância pela obtenção de recursos económicos, devido ao seu valor no comércio regional ou entre estados.

Em relação à metodologia, trata-se de um estudo de natureza qualitativa e descritiva, realizado, essencialmente, na base de um estudo bibliográfico que suporta os fundamentos teóricos das guerras por recursos naturais / económicos. A revisão

bibliográfica foi submetida à análise crítica por meio do método hipotético dedutivo. De acordo com Marconi, et al. (2010, p. 73), o método hipotético-dedutivo consiste em se perceber problemas, lacunas ou contradições no conhecimento prévio ou em teorias existentes. Do ponto de vista estrutural, este artigo comporta três secções: Secção 1: a violência como instrumento político de controlo de recursos económicos; Secção 2: o ferro e o gado como os recursos naturais estratégicos para os Owambo.

1.A violência como instrumento de controlo/obtenção de recursos naturais / económicos

As guerras por recursos económicos ou guerras por recursos naturais têm sido tema de pesquisa por alguns investigadores, como Santos (S/D), Marín (1995), Klare (2001), Billon (2004), Shlomi (2011), Shlomi (2011), Dinar (2011), Shlomi (2011), Júnior (2018), Seia (2022), Sevchenko (1996), Soczka (2008), entre outros. Clausewitz (apud WRIGHT, 1988, p.4) define “guerra” como um ato de violência destinado a obrigar os adversários a satisfazer nossa vontade, sendo assim a continuação das ações políticas por outros meios, geralmente violentos. Ainda, a esse respeito, o clássico Sun Tzu (2002) caracteriza a “guerra” como um dos assuntos mais importantes do Estado, cujo campo de batalha constitui o lugar onde a vida e a morte são determinadas ou decididas, condicionando assim o caminho da sobrevivência ou da desgraça de um estado.

Logo, o estado deve examinar com muita atenção este assunto antes de buscar a guerra (TZU, 2002, p. 2). A geopolítica, como uma ciência não neutra, reflete sobre as ações do estado a partir de políticas públicas de carácter estratégico na relação entre espaço e poder nacional ou regional, em que as condições geográficas (espaço e posição) influenciam a política, a estratégia e as relações exteriores de um Estado (RODRIGUES, 2015, p. 30).

Recursos naturais são definidos como os «componentes ambientais naturais com utilidade para o ser humano e geradores de bens e serviços, incluindo a fauna, a flora, o ar, a água, os minerais e o solo» (SEIA, 2022, p. 417). De acordo com Marín (1995), um recurso é considerado estratégico em função de determinados aspectos, como a essencialidade, a massividade, a vulnerabilidade, a disponibilidade do recurso, o seu grau de suficiência global, sua quantidade de reserva existencial (escassa ou abundante), sua localização geográfica e as condições de existência natural. Estas condições técnicas, naturais e sociais constituem fatores que determinam o valor e a disputa de recursos no sistema internacional e nas relações entre estados (MARÍN, 1995, p. 42-44).

Nesta perspectiva, um recurso pode ser considerado estratégico por alguns estados numa determinada época. O gado, essencialmente o cavalar e bovino, e o ferro eram considerados recursos naturais estratégicos para os estados ambós (Owambo). De acordo com BILLON (2004, p. 21), guerra por recursos naturais pode ser entendida como um conflito armado ou violento travado para controlo ou obtenção de recursos naturais valiosos. Estas guerras podem ser realizadas por necessidade ou por ganância. Neste sentido, apesar de naturalmente as guerras serem muito complexas para lhes ser atribuída uma única motivação, podemos afirmar que o controlo de recursos pode ser um potencial fator de conflito entre estados ou intraestados.

Neste quadro, são os conceitos apresentados acima que vão orientar este trabalho e que, obviamente, constituem a base da argumentação teórica que pretendemos descrever. Segundo Billon (2004), a doutrina de defesa não trata das causas das guerras em geral e muito menos das causas de guerras por recursos, que são conflitos em que grupos políticos ou estados disputam recursos naturais de valor económico. De facto, as guerras por recursos podem ser tipificadas como guerras causadas por motivos económicos, quando são motivadas pelo controlo ou manutenção de recursos naturais e decorrentes da escassez, abundância e valor económico ou estratégico do referido recurso. Desde modo, uma guerra por recursos pode ser um conflito intraestado ou entre estado (BILLON, 2004, p. 40).

Portanto, desde Tucídides, a história das guerras tem sido narrada por inúmeros historiadores, sendo o tema mais explanado na história, depois da religião. Tais estudiosos buscaram contar os pormenores das guerras passadas e, frequentemente, em suas narrativas, descrevem sobre as suas causas e consequências, entre as quais estão as causas económicas e, no centro destas disputas, está a luta pela posse de recursos naturais de toda a espécie, sendo, mais recentemente, por fontes de energia (JÚNIRO, 2018, p. 3).

Entre esses investigadores, uns defendem, por um lado, que as guerras por recursos naturais estratégicos, ao longo da história, estariam relacionadas com a necessidade/escassez ou a abundância de recursos naturais, enquanto outros identificam como causa dessas guerras a ganância pela obtenção de recursos económicos devido ao seu valor no comércio regional entre estados. Os investigadores que relacionam guerra por recursos naturais ou por recursos económicos com a questão de necessidade e raridade de recursos naturais defendem a perspectiva segundo a qual estas guerras estão relacionadas, essencialmente, com a escassez de recursos económicos ou naturais

considerados estratégicos. Neste caso, quanto mais escassos forem os recursos naturais ou recursos económicos mais conflitos por recursos os estados poderão enfrentar, porque os estados hão-de guerrear entre si para manter o controlo, obter ou proteger os recursos naturais ou recursos económicos considerados estratégicos e de que necessitam para sobreviver (BILLON, 2004, p. 21-23).

Por outro lado, há os investigadores que relacionam guerra por recursos naturais ou económicos com a ganância pela obtenção de recursos, devido ao seu valor no comércio regional ou entre estados. Essa tese assenta na perspectiva de que quanto maior for a quantidade de recursos naturais ou económicos, mais guerras ou conflitos haverá. Neste quadro, quando um estado detém o controlo de reservas de recursos naturais ou recursos económicos, grupos ou outros estados hão-de recorrer a meios violentos para controlar ou obter tais recursos. Portanto, maior quantidade de recursos naturais pode significar menos democracia, menos crescimento económico, e, por consequência, mais atitude gananciosa terão as elites ou governos competidores (BILLON, 2004, p. 21-23).

Existem três teses principais contra-argumentos à "violência motivada pela escassez". Primeiro, escassez de recursos pressão da cidade e da população pode resultar em problemas socioeconômicos, inovação económica, incluindo a diversificação da economia. Em segundo lugar, o próprio estado é mais dependente de contribuições financeiras da sociedade, portanto é mais provável que seja representativo e responsável perante ele. Finalmente, a agenda econômica de país pobre recurso é desenvolver e aproveitar o capital humano, em vez de proteger o rendas fracas de recursos das elites. À medida que o capital humano se desenvolve (por exemplo, educação. instituições sobre gestão de recursos), a economia diversa simplifica e a gestão financeira torna-se mais representativa e responsável, a probabilidade de violência ou conflito diminui (BILLON, 2004, p. 22).

Uma perspectiva mais recente, apresentada essencialmente por SHLOMI (2011), refere que alguns pesquisadores afirmam que as motivações da guerra por recursos naturais registada no período após a Guerra Fria estariam essencialmente relacionadas com a insegurança associada à escassez de recursos naturais. Conforme aludido acima, a razão da guerra entre estados constitui uma questão de sobrevivência de um estado, no quadro das relações externas. Dessa forma, um conflito armado pode ser realizado quando se verifica a escassez ou a abundância de determinado recurso estratégico (CIUTA, 2010, p. 130). Assim, conflitos violentos por recursos surgem quando os estados se apercebem da assimetria em termos de posse de recursos considerados estratégicos (DINAR, 2011, p. 13).

Como se pode facilmente deduzir, o uso da violência para a obtenção de recursos naturais / económicos não é um fenómeno particular e unicamente usado pelos Owambo, nem é uma questão nova na história da humanidade. Com efeito, o uso de meios coercivos para obtenção de recursos naturais ou económicos é um fenómeno global, que acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos, em todos os pontos do planeta, abrangendo, assim, África, América, Austrália e Ásia. Temos, a esse propósito, a ocupação colonial europeia pelo mundo como o exemplo mais expressivo do uso de violência para a obtenção de recursos económicos (minerais e vegetais preciosos).

A ligação entre a violência e a riqueza de Angola tem uma longa história. Sobre os últimos 500 anos de integração de Angola na economia global, a violência tem sido associada principalmente à abundância de recursos. Os portugueses expropriaram a população autóctone das suas terras férteis, após terem destruído as estruturas políticas, sociais e económicas encontradas, com vista a fornecerem um excedente agrícola para Portugal e uma saída para os empobrecidos da sua população (BILLON, 2004, p. 21).

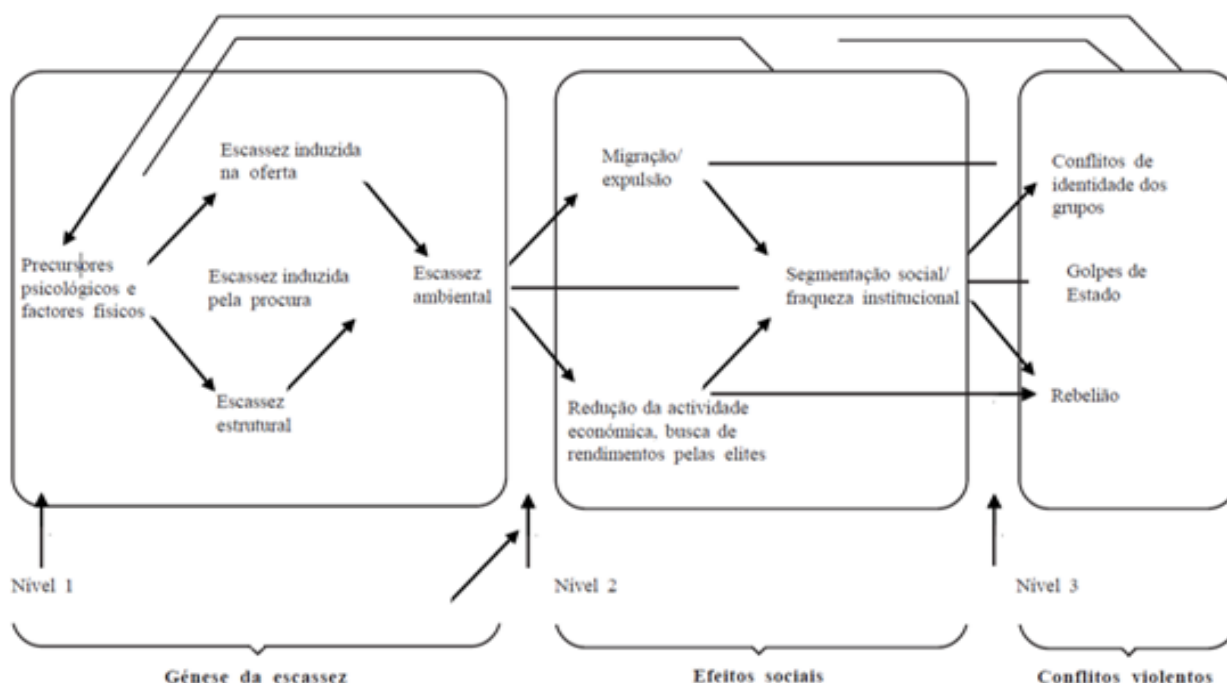
Também temos outros exemplos, antes da presença europeia, em que vários estados de África, como o reino do Congo, Ndongo, Kush, Egipto, entre outros, que recorreram à violência para obter recursos naturais / económicos, como, por exemplo, a disputa pelo sal mineral e zona de pastos, como um instrumento de política externa. No século XXI, os casos de conflitos em Darfur (Sudão), na RDC, Ruanda, Libéria, Angola, na região do Chifre da África, entre outros, fornecem evidências de serem conflitos ligados à ecoviolaência, eco-política, o eco-conflito, guerra verde ou à guerra por escassez ou por abundância de recursos naturais / económicos, no geral.

Assim sendo, a eco-política, o eco-conflito, a guerra verde ou a guerra por recursos naturais, no geral, ao contrário daquilo que vários autores pensam serem fenómenos recentes (pós-guerra fria), são, na verdade, fenómenos que, desde sempre, fizeram parte da história da humanidade, tendo sido a principal característica ou causa de conflitos pré-Guerra Fria. A particularidade da Guerra Fria, neste quadro, é que ela trouxe uma ruptura e mudança sobre as características dos conflitos, abrindo um novo campo da geoestratégia e da geopolítica mundial; isto é, a luta pela ideologia política e conquista de poder pelos estados ou governos foi substituída pela eco-política. No período pós-guerra Fria, os conflitos passaram a ser motivados, sobretudo, pelo saque e/ou controlo de recursos naturais / económicos preciosos e estratégicos ou motivados pelo controlo de rotas e mercados (SOCZKA, 2008; SEVCENKO, 1996).

No entanto, as sociedades confrontadas com circunstâncias ambientais específicas – escassez ou abundância –, muitas vezes não conseguem resolver os problemas gerados pela existência ou inexistência de recursos naturais ou económicos sem recorrer a meios violentos. Isso ocorre porque, em muitos casos, a obtenção desses recursos tem um efeito debilitante nas economias e instituições governamentais que podem resultar numa crise violenta.

Segundo Soczka (2008), nos últimos cinco séculos, o percurso histórico da humanidade foi marcado por um assustador aumento de guerras e das suas consequências fatais sobre os militares e populações civis envolvidas, a que os desenvolvimentos dos artefatos bélicos proporcionados pelas revoluções industrial e tecnológica vieram acrescentar eficiência letal acrescida, até chegarmos ao século XX, aos artefatos de extermínio de massas absolutamente ímpares na história da espécie humana, números estes que sintetizamos a seguir: 1,6 milhões de mortos no século XVI, 6,1 milhões no século XVII, 7 milhões no século XVIII, 11 milhões no século XIX e o paroxismo de 110 milhões de mortos no século XX, respectivamente, correspondentes a 0,32%, 1,05%, 0,92%, 1,65% e 4,35% da população mundial (UNDP, 2005; SIVARD, 1991 e 1996) (SOCZKA, 2008, p. 134).

Imagem 1: Modelo dos caminhos da escassez para a violência (Hammer-Dixon, 1999)



Fonte: Soczka (2008, p. 138)

Com esta conjuntura de fatores, podemos concluir que a violência é vista como resultado de uma luta distributiva por recursos abundantes. Nesta perspectiva, a violência

permite o surgimento de grupos para criarem e sustentar padrões lucrativos de exploração de recursos e distribuição da saúde. Em outras palavras, guerras por recurso são conflitos em que a violência, ou a ameaça disso, torna-se parte intrínseca da economia política da exploração de recursos. Não é tão relevante se um recurso é escasso ou abundante. Essas duas opções são relativas. Relevante é que os referidos recursos representam um considerável valor económico. A combinação de violência e valor pode assumir duas formas.

Por um lado, a má criação e distribuição, deste valor (má economia política) pode provocar um contexto conflituoso. Na verdade, a transformação da natureza em bens negociáveis é um processo profundamente político, envolvendo a definição de propriedade, direitos, organização de trabalho e a alocação de lucros. Embora este processo pudesse ser pacífico e cooperativo, em muitos casos, tem sido conflituoso e violento. A natureza da violência mudará se os recursos envolverem produção ou extração. Um contexto abonatório de recursos naturais pode motivar um clima de violência pelo controlo de tais recursos (BILLON, 2004, p. 24-27).

O ferro e o gado como os recursos naturais estratégicos para os Owambo

Os recursos naturais estratégicos são essenciais para manter a estrutura social, económica e política de um povo. E o caso dos povos Owambo não é exceção a essa regra, ainda mais se considerarmos o facto de serem povos agropecuários. Neste quadro, podemos afirmar que o gado e o ferro (extraído da Mupa) constituíram / constituem recursos estratégicos para os Ovawambo. O gado constitui um recurso natural de extrema importância para o desenvolvimento económico, estatuto social dos Owambo, constituindo o suporte de toda a estrutura da economia, além de contribuir na obtenção de bens económicos e auxiliar na execução de diversos serviços do estado.

Assim, podemos concordar com a ideia de Guitarrara (s/d), de acordo com a qual «a geopolítica se faz, também, com base nos recursos naturais. Muitos desses recursos são o centro de negociações entre territórios, ou, ainda, são o fator de alianças comerciais, alianças políticas e estratégias de desenvolvimento dos estados» (Guitarrara, s/d) ou ainda podem ser fatores de insegurança e instabilidade política ou fatores de conflitos violentos. Enquanto os europeus tinham basicamente um interesse económico nesses minerais, os nativos possuíam uma concepção bastante diferente. Assim, o sucesso da fundição do ferro dependia também de elementos que não estavam diretamente ligados ao processo técnico. Os ferreiros da África não tinham o papel

apenas de produzir o ferro ou de manufaturar artigos como facas e enxadas. Em muitas localidades, eles eram considerados reguladores da fertilidade, por estarem associados aos espíritos da terra, desempenhando importantes funções junto do chefe.

Em outras regiões, os ferreiros tinham um papel de extrema importância nas cerimónias de entronização e morte de reis (BEVILACQUA, 2011). Sendo uma sociedade agrária, os Ovawambo precisavam de gado e de ferro. O gado servia para aumentar a produção agrícola, por meio de tração animal, movendo os moinhos, as carroças (carros boeres), zorra, o arado ou charruas. Além disso, esses instrumentos e outros, como machado, enxadas, catanas, etc. eram produzidos com ferro.

Esses instrumentos de trabalho dos Ovawambo eram essencialmente para viabilizar a vida, o crescimento económico, aumentar a riqueza e/ou a produtividade e, obviamente, como consequência, aumentar o poder Owambo. Estes instrumentos eram fabricados pelos ferreiros ambós, com o ferro extraído e fundido por eles. Este ferro vinha da Mupa (MPLA, 1965, p. 141). A enxada cultural dos ovawambo era, até então, o instrumento preferido da mulher ou homem *omuwambo*⁶. O ferro extraído das montanhas da Mupa era trabalhado pelos ferreiros locais em cerimónias grandiosas que já perderam todo o estilo.

Mesmo na época de colonização usavam pouquíssimo a enxada comum de estilo europeu, com cabo comprido, por não lhes proporcionar o rendimento superior ao da *etemo* (enxada) local, que, embora curta, ou talvez por isso mesmo, manejam-na com maior eficácia e rapidez (LIMA, 1977, p. 125). Sendo povos guerreiros, os ovawambo precisavam de controlar as minas de ferro da Mupa, para a produção de meios de defesa de seus estados, o quantidade e diversidade de armas brancas para garantir, não só a sobrevivência dos estados, mas também para projetar seus poderes na região.

Além das disputas pelo controlo das minas, é também a partir do século XIX que ocorre a intensificação do chamado comércio legal e, portanto, a entrada de produtos industrializados, inclusive feitos com ferro, além das armas de fogo. A entrada de mercadorias europeias, como as armas de fogo, no entanto, não prejudicou o trabalho desses especialistas, pois, para além de os africanos não terem substituído as armas tradicionais pelas armas de fogo, rapidamente esses profissionais desenvolveram as técnicas necessárias não apenas para consertá-las, mas também para reproduzi-las.

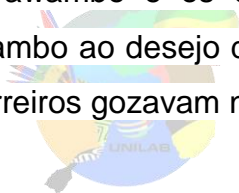
Esse conhecimento, desenvolvido rapidamente por esses ferreiros, ampliou ainda mais as suas formas de trabalho. O aumento da violência ocasionado pela concorrência

⁶ Singular de Ovawambo (ambó).

comercial exigiu a presença cada vez mais constante de ferreiros nas caravanas comerciais para manter as armas de fogo portadas pelos carregadores em pleno funcionamento. Esses ferreiros tinham o papel não apenas de manter essas armas em pleno funcionamento, mas eram também responsáveis pela “sacralização” das mesmas, através da agregação de materiais ligados à proteção dos espíritos (BEVILACQUA, 2011).

Portanto, a obtenção de quantidade significativa de gado por parte dos Ovawambo, por meio de *okashava*, permitiu a obtenção de armas de fogo, no mercado negro, por meio de comerciantes portugueses. A maior parte das armas teria sido adquirida do comércio com os alemães, vindo da sua indústria militar, que detinha uma qualidade e quantidade significativa, visto que este país procurava impor-se na arena internacional com a construção de seu império colonial em África, num contexto já conquistado por outras potências europeias, por meio de *hard power*.

Neste quadro, a arte da metalurgia teve um impacto no desenvolvimento produtivo, na defesa e na projeção dos estados ambós (Owambo), afetando assim as relações sociais e económicas entre os Ovawambo e os estados vizinhos que possuíam tal recursos. Este facto levou os Ovawambo ao desejo de controlar este recurso, em função da posição prestigiante de que os ferreiros gozavam nas sociedades.



Conclusão

Ao analisar bibliografia, conclui-se que, entre os teóricos que investigam a problemática da guerra por recursos naturais ou recursos económicos, há os defendem que as guerras por recursos naturais estratégicos, ao longo da história, estariam associadas à necessidade/escassez ou à abundância de recursos naturais/económicos, e há aqueles autores apologistas da perspectiva segundo a qual essas guerras estariam relacionadas à ganância pela obtenção de tais recursos, devido ao seu valor no comércio entre estados.

Nesta perspectiva, a guerra por recursos naturais realizados pelos ovawambo estaria motivada pela escassez de gado em Owambo. Uma vez tido como estratégico, teriam morrido milhares de cabeça de gado, devido à ausência prolongada de chuva em Owambo, actual extremo sul de Angola. Este facto teria tornado a vida dos ovawambo muito difícil, facto que levou os ovawambo à realizarem razias ou guerra para obtenção de gado, com objetivo de repovoar os seus estados com este recurso estratégico. O uso da violência para obtenção de recursos económicos não é um fenómeno particular e

Leonardo T. Pedro Okashava (guerra por recursos naturais e económicos) dos ovawambo

unicamente usado pelos Owambo, nem é uma questão nova. Pelo contrário, é um fenómeno que acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos, em todos os pontos do planeta.

Referências

Portugal em Africa: **revista científica**. Volume 5. Lisboa: Companhia Nacional de Editora, 1898.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. **Homens de Ferro**: os ferreiros na África central no séc. XIX. Museu Afro Brasil [online], 2011.

BILLON, Philippe Le. The Geopolitical economy of 'resource wars' [online]. **Geopolítica**. Março 9(1), pp. 1-28, 2004.

BROCHADO, Bernardo José. **Terras do Humbe, Camba, Mulondo, Quanhama, e Outras**, Serie I, Nov 1855. Lisboa: Annas do Conselho Ultramarino, Parte Não Oficial, Serie I, Fev a Dez, 1858, Imprensa Nacional, 1867.

CASTRO, Alferes Velloso de. **A campanha do Cuamato em 1907**: Breve Narrativa Acompanhada de Photographias . Loanda: Imprensa Nacional, 1908.

CIUTÃ, Felix. **Conceptual Notes on Energy Security**: Total or Banal Security? Security Dialogue[online]. em Revista Security Dialogue, 2010.

COSTA, Rui Manuel Pinto. Primórdios da Ocupação do Sul de Angola. **Boletim do Instituto de Angola**. Nº 01, Junho, Agosto e Setembro, 1953.

COSTA, Rui Manuel Pinto. Relações Externas Luso- Germânicas: 1916 e o despertar de um conflito latente. **História: Revista da Faculdade de Letras**, Porto, III Série, vol. 4, 2003, pp 101-125.

DINAR, Shlomi. **Beyond Resource Wars**: Scarcity, Environmental Degradation, and International Cooperation. Cambridge: The MIT Press, 2011.

DINIZ, Marco Túlio Mendonça. Contribuições ao ensino do método hipotético-dedutivo a estudantes de Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**. n.2, maio/ago, pp. 107-111, 2015.

GONZAGA, Noberto. **História de Angola (1482 - 1963)**. Luanda: Edição do C.I.T.A. - Fundo do Turismo e Publicidade de Angola, s/d.

GUITARRARA, Guitarrara. **Recursos Naturais**. s/l: Brasil Escola, s/d.

HENRIQUES, Isabel Castro. **As Armas de Fogo em Angola no Século XIX**: uma Interpretção. Em M. E. Santos (Ed.). I Reunião Internacional de História de África -

Leonardo T. Pedro Okashava (guerra por recursos naturais e económicos) dos ovawambo

Relação Europa - África no 3º quarteto do século XIX. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia de Antiga, 1989, pp. 406-429.

JÚNIRO, Arcênio Franco. **A escassez de recursos naturais como causa de guerras na América do Sul Exército, como requisito parcial para matrícula**, 2018. Rio de Janeiro: Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do a obtenção do título de Especialista em Política, Estratégia e Alta Administração Militar.

KEILING, Luiz Alfredo. **Quarenta Anos em África**. Braga: Edição das Missões de Angola e Congo, 1934.

KLARE, Michael T. **Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict**. . New York: Henry Holt and Company LLC, 2001.

LIMA, Maria Helena de Figueiredo. **Nação Ovambo**. Lisboa: Editorial Astrer, 1977.

MARCONI, Maria de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. vol.5. São Paulo: Atlas Editora, 2010.

MARÍN, Ana Ester Ceceña & BARREDA, Andrés. **Producción Estratégica y Híegemonia Mundial**. Madrid: Signo Veintiuno Editores, 1995.

MPLA. **História de Angola**. Porto: Edições Afrontamento, 1965.

OPUKU, Kofi (s.d.). A religião na África durante a época colonial. In: BOAHEN, Albert A. (Org.). **História Geral da África**, 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, v. VII, cap. 20, pp. 591-624.

PEDRO, Leonardo Tuyenikumwe. **Proposta para uma Harmonização Gráfica da Toponímia da Comuna de Ondjiva: Aldeias, Bairros e Ruas**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2015.

ROCHA, Denise. A fanática missão civilizadora de um religioso na Angola rural do século XVII (A Gloriosa Família, de Pepetela). **Estudos de religiao**. Vol. 32, maio/ago, Nº. 2, 2018, pp. 191-211.

RODRIGUES, Bernardo Salgado. **Geopolítica dos Recursos Naturais Estratégicos Sulamericanos no Século XXI**, 2015. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Economia Política Internacional.

SANTOS, Marcos Cardoso dos (s/d). **As Guerras por Recursos Naturais e o “Político” Schmittiano: Entre o Determinismo e o Possibilismo na Geopolítica**. 10 Encontro da Associação Brasileira de Estudos de Defesa.

SEIA, Cristina Aragão. **A Responsabilidade Ambiental na União Europeia.** Da Responsabilidade Cível à Responsabilidade Administrativa em Portugal. Coimbra: Edições Almedina, 2022.

SEVCENKO, Nicolau). **O Front Brasileiro na Guerra Verde:** Vegetais, Colonialismo e Cultura. Revista dos Viajantes USP, Junho/Agosto, 9 de 1996, pp. 108-119. São Paulo. (30).

SOCZKA, Luis. Caminhos da «ecoviolência». **Análise Social**, 2008, pp. 133-157. vol. XLIII (1.º).

TEIXEIRA, Alberto de Almeida. **Paiva Couceiro:** aspectos africanos da sua vida. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1948.

TEXEIRA, Alberto de Almeida. **O General João de Almeida no Cuanhama.** Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca - Agência Geral das Colónias, coleção pelo Império, nº 16, 1935.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra.** Tradução e Interpretação de Luiz Figueiredo. s/l, 2002.

VALAHU, Mugur. **Angola, chave de África.** Lisboa: Parceria A. M. Pereira, Lda, 1968.

VIEIRA, Daiana Lucas. **As Cartas do Dembo Caculo Cacahenda:** Uma Comunicação Frequente entre Autoridades Africanase Portuguesas (1780-1860), 2011. Monografia de Final de Curso elaborada sob a orientação da Professora Dra Carla Maria Carvalho de Almeida, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em História, Juiz de Fora.

VILLAS, Gaspar do Couto Ribeiro. **História Colonial.** (Vol. II). Lisboa: Grandes Ateliers Gráficos – MINERVA, 1938.

COUCEIRO, Henrique de Paiva. **Angola (dois anos de Governo:** Junho 1907- Junho 1909). História e comentários. Lisboa: Tipografia Portuguesa, Lda, MCMXLVIII.

Recebido em: 23/02/2025

Aceito em: 24/06/2025

Para citar este texto (ABNT): PEDRO, Leonardo Tuyenikumwe, Okashava (guerra por recursos naturais e económicos) dos ovawambo. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 2, p. 02-15, jul./dez.2025.

Para citar este texto (APA): Pedro, Leonardo Tuyenikumwe (jul./dez.2025). Okashava (guerra por recursos naturais e económicos) dos ovawambo. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (2): 02-15.